

Explorando Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia: Uma Análise Bibliográfica das Teses de Doutorado em Museologia na Universidade Lusófona (2021-2023)

Ana Paula Carvalho¹

Exploring New Museology, Social Museology, and Sociomuseology: A Bibliographic Analysis of Doctoral Theses in Museology at Universidade Lusófona (2021-2023)

Prólogo

Eis aqui um conjunto real e imaginário de palavras que pretende ser um artigo. Sem saber o que seria um dia, nasce como um “Diário de bordo”, daqueles que se iniciam com “Por onde eu começo?”

Não pense que eu não me preocupo em começar um artigo dessa forma, em pleno doutoramento. Por outro lado, acredito que se olharmos bem de perto para toda a grande máquina universitária e seus julgados acadêmicos, cercada de termos e posturas técnicas, veremos pessoas das mais diversas (ainda bem).

Pessoas são frutos de árvores complexas, cujas raízes são moldadas pela natureza ao longo das gerações e pelo ambiente em que nascem, além dos diversos contextos familiares e sociais. Essas influências, muitas vezes invisíveis, moldam nossas heranças de maneiras que mal conseguimos imaginar.

Eu poderia recorrer tanto à filosofia quanto aos conceituados autores dos temas centrais de que trata este artigo para traçar um panorama acadêmico sobre o caminho individual *versus* o sentido de coletividade, de memória e de patrimônio. Mas, por favor, permita-me a leveza de uma letra musical criada sob a perspectiva de um barco intangível, que navega entre territorialidades, memórias e identidades (muitas): “Meu caminho é novo, mas meu povo não.”

Esta canção é preenchida por Simone de Beauvoir, na voz de Rita Lee:

“Ao meu passado

¹ Doutoranda em Sociomuseologia na Universidade Lusófona, com Bolsa de Investigação da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”. Bolseira da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Programa Ciência do Património Cultural (Ref. PRT/BD/155026/2023). Investigadora não doutorada no CeIED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento. Mestra em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio pelo PROMEP/Universidade Estadual de Goiás. Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. [ORCID:](#) 0000-0002-5386-9370, gestaocultural.ambiental@gmail.com

Eu devo o meu saber e a minha ignorância,
As minhas necessidades, as minhas relações,
A minha cultura e o meu corpo.
Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?
Não sou escrava dele.” (COR: Amarelo, azul e branco. Anavitória e Rita
Lee, 2021).

Se pretendo, em minha tese de doutorado em Sociomuseologia, manter o olhar cultural e geográfico focado nas pessoas, suas memórias, identidades, territorialidades, narrativas orais e força histórica, não posso esconder da Universidade que a narrativa supracitada nos diz tanto sobre identidade, memória e patrimônio quanto teorias conceituadas academicamente sobre o tema em voga. E é com a força desse pensamento que me encorajo a navegar por sons, palavras e formatos desajustados com a literatura formal acadêmica, livre de constrangimentos.

Ao investigar as raízes desta citação, cheguei à peça teatral “Viver sem tempos mortos”², um monólogo encenado pela atriz Fernanda Montenegro. Pausa: É preciso perceber a força e a energia desta raiz: esses pensamentos brotaram de Simone de Beauvoir, se materializaram em Jean Paul Sartre, floriram em Fernanda Montenegro, foram colhidos por Rita Lee, espalhados por Anavitória e projetados pela Série “Cidade Invisível”. Em segundos delineamos aqui caminhos percorridos individualmente e compartilhados coletivamente, entre 1930 e o tempo presente.

Este artigo, entretanto, não trata de noética, filosofia, religião, psicologia e afins, embora estejam incrustados em cada pessoa, e, por consequência, nos laços e valores sociais. Trata de uma aventura de navegação por novos mares: a Museologia. Mas não uma museologia qualquer, aplicada em mais um museu, repetindo um discurso comum, dirigido a “todos”, mas que não vê, não ouve e não representa valor algum.

Analogicamente à frase comum “essa reunião poderia ter sido um e-mail”, um museu que poderia ter sido um catálogo, ou uma exposição que poderia ter sido um índice, não representam os mares por onde navego: a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia.

– Ai, Ana! Vamos com calma.

Disse-me o Diário.

– O doutorado é em Museologia, Museologia Social ou Sociomuseologia? E o que é Nova Museologia? É tudo o mesmo ou coloca-se em balaies diferentes? Elas se complementam dentro da Museologia ou abordam distintos aspectos? São disciplinas acadêmicas, práticas museais ou uma sequência temporal da evolução teórica do campo?

Prostrei. Não soube responder. Nem soube levar as perguntas adiante, para ser bem sincera. Para tentar resolver tantas questões, recorri a perguntas fáceis, respostas rápidas, artigos aqui e textos ali. Não deram conta, porém: fiquei mais confusa. É uma árvore grande demais para subir de primeira, sem suporte. Tem raízes tão profundas e entrelaçadas, dentro e fora do solo, que ultrapassam fronteiras, invadem terrenos cercados por “senhores feudais” e tantos outros donos de terra, de títulos e de si.

² A peça integra o projeto 'Caminhos para a Liberdade', criado para as comemorações do Ano França-Brasil e dos 80 anos da atriz, em 2009. O texto, inspirado nas correspondências de Beauvoir e Sartre, ganhou projeção ao alcançar um amplo público através da interpretação de Rita Lee na canção de Anavitória, tema da série 'Cidade Invisível', da Netflix. Obra que revaloriza o folclore brasileiro enquanto provoca reflexões sobre a reinvenção e representação do patrimônio imaterial na era da globalização midiática.

Reconhecer que eu precisaria de um bom suporte foi o primeiro passo; descobrir qual seria o suporte foi o segundo. Encontrar uma fonte, um embasamento teórico e uma compreensão que pudesse me deixar mais próxima dos valores que procuro e que navegasse pelo mesmo mar, mesmo que em diferentes correntes marinhas, foi uma questão estratégica. Eu poderia ter ido à fonte primária e percorrer a “árvore da Sociomuseologia” apresentada por Mário Moutinho. Mas olhar para as raízes dessa árvore, em si, me faria ignorar os seus frutos. As raízes? Os autores “originais”, os nomes consagrados. Os frutos? Os doutorados em Museologia pela Universidade Lusófona. E essa é minha escolha: saborear os frutos para contemplar a árvore.

Que venham os frutos.

Introdução

Uma investigação acadêmica precisa de um começo, um meio e um fim. Como não há processo linear em qualquer trajetória, propus-me a analisar o movimento de revitalização de mercados públicos municipais em Portugal, que inclui uma restauração arquitetônica acompanhada da inclusão de produtos culturais com apelo turístico.

Soma-se a essa análise um olhar atento para as feiras populares, que tradicionalmente se conectam com diversas comunidades — algumas com representatividade na história local, outras não. Nesse contexto, é possível identificar propostas que equilibram o apelo turístico com a preservação da representatividade local. No entanto, outras iniciativas evidenciam claramente a perda das características culturais imateriais que definem esses espaços de partilha e comércio tradicional. Como observa Pausini (2020), o conceito de “modernização conservadora” pode funcionar como uma estratégia para que elites culturais mantenham intactas as suas estruturas de poder, enquanto se utilizam de discursos de desenvolvimento e democratização. Isso ocorre muitas vezes em detrimento das tradições e do patrimônio cultural local, como se vê em diversos processos de musealização.

A observação desses movimentos será possível sob uma perspectiva que sobrepõe conceitos e práticas da Sociomuseologia, políticas públicas de patrimônio cultural, economia criativa e turismo cultural de base comunitária, mantendo um olhar geográfico para o território. Esses campos de investigação e intervenção social impactam o desenvolvimento local e comunitário, a função social dos museus e a preservação do patrimônio cultural imaterial.

Se pedirmos para qualquer pessoa desenhar uma cidade, ela provavelmente irá traçar um mercado, um largo, um museu e uma igreja. Ao redor, estarão casas e pessoas. Interessa neste estudo observar como o museu se comporta no processo político, social e econômico que visa o desenvolvimento local, tendo por instrumento o patrimônio cultural. A tese que se pretende elaborar tem como hipótese a intersecção do turismo comunitário com a Sociomuseologia e o patrimônio cultural, em que a modulação coletiva fortalece uma cultura museológica comprometida e apropriada pelas comunidades locais.

O presente artigo almeja revelar os estudos empreendidos no meu primeiro ano de doutoramento. Durante o percurso de delinear melhor o campo de investigação, percebi a necessidade premente de me aprofundar na compreensão das diferenças teóricas e práticas entre Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia, cujos resultados serão apresentados neste artigo.

Metodologia

Para compreender as diferentes correntes teóricas, realizei uma pesquisa bibliográfica, focando no Banco de Dados da Universidade Lusófona (RECIL), em busca dos termos “Nova Museologia”, “Museologia Social” e “Sociomuseologia”. Essa escolha metodológica se justifica pela intenção proposital de reconhecer o campo de estudo pelo olhar da base que suporta o Departamento de Museologia ao qual estou vinculada.

Ao voltar meu olhar para o que os docentes e os discentes deste Programa de Doutorado têm a dizer, não apenas me fortaleço conceitualmente como reconheço e valorizo a produção acadêmica dos investigadores que aqui estiveram antes de mim. Essa percepção está alinhada com os valores do conhecimento tradicional, com o respeito à comunidade local e com a transmissão do saber, geração a geração - o que simboliza os valores do patrimônio cultural imaterial.

O levantamento bibliográfico (coleta de dados) foi realizado em janeiro de 2024, e, portanto, não contempla publicações do RECIL após esta data. A pesquisa inicial pelo termo “Sociomuseologia” resultou em 66 volumes do periódico *Cadernos de Sociomuseologia*, classificados como “Coleções” e 495 documentos, publicados por 362 autores. Das publicações, 99 datam de 2020 a 2023; 198 de 2010 a 2019; 80 de 2000 a 2009 e 116 de 1990 e 1999.

Importa destacar que *Cadernos de Sociomuseologia*³ é uma revista científica semestral, publicada desde 1993 pelo Departamento de Museologia da Universidade Lusófona. É a publicação mais antiga e contínua sobre Museologia em língua portuguesa, com foco na difusão de pesquisas científicas na área da Sociomuseologia. Apesar da sua relevância científica, analisar esta coleção não é o foco desta investigação, e, metodologicamente, analisei os demais resultados.

No tocante aos autores, os dez mais publicados são Leite (26), Bruno (19), Chagas (19), Mayrand (18), Moutinho (18), Primo (17), Tinoco (17), Santos (14), Cândido (7) e Victor (6).

As palavras-chave mais comuns foram “Museologia” (479 ocorrências), “Museus” (276), “Sociomuseologia” (188) e “Museologia Social” (2). Quanto ao termo “Nova Museologia”, nenhuma ocorrência foi encontrada nas palavras-chave.

Utilizando filtros, identifiquei 51 teses e 16 dissertações. Estrategicamente foquei nas teses, por meus estudos se tratarem de uma pesquisa de doutoramento. Por questão de tempo, limitei a pesquisa às 10 teses mais recentes, publicadas entre 2021 e 2023: Janaína Maia (2023); Vânia Gondim (2023); Letícia Silva (2023); Idemar Ghizzo (2023); Érica Malchow (2023); Rodrigo Lopes (2023); Karlla Kamila Santos (2023); Deborah Santos (2021); Rosiane Nunes (2021); Marcelo Murta (2021).

Ao limitar o campo de análise (as 10 teses), os termos buscados para a investigação foram extraídos e analisados somente no corpo do texto das teses. Essa metodologia foi fundamental para os resultados quantitativos, uma vez que seria inválido considerar a presença dos termos no título, nas palavras-chave, no resumo, nas referências bibliográficas e nos apêndices. Essa exclusão me permitiu ter a concentração exata dos termos na produção dos autores e na função que assumiram dentro das teses, ainda que a presença de um ou mais termos no título, ou palavras-chave, tenha me apresentado conclusões interessantes, ao longo do percurso.

³ ISSN: 1646-3714 : <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/about>

Análise bibliométrica

A análise dos termos nas teses resultou, em primeiro lugar, na Tabela 1, que identifica e quantifica as ocorrências dos termos “Nova Museologia”, “Museologia Social” e “Sociomuseologia”. Os dados permitiram a elaboração do Gráfico 1, que mostra o seu uso por autoria/tese. Observa-se que as teses que incluem “Sociomuseologia” no título e/ou palavras-chave destacam-se em quantidade de ocorrências no corpo do texto.

Referência	Termos no Título	Termos nas Palavras-chave	Termos no corpo da tese		
			Nova Museologia	Museologia Social	Sociomuseologia
Maia	N/E ⁴	N/E	8	14	13
Gondim	N/E	N/E	4	72	8
Silva	sociomuseológica	sociomuseologia	12	14	52
Ghizzo	N/E	N/E	3	9	39
Malchow	sociomuseologia	sociomuseologia	110	61	175
Lopes	N/E	sociomuseologia	5	3	27
Santos, K.	N/E	N/E	3	3	27
Santos, D.	N/E	N/E	20	31	25
Nunes	N/E	sociomuseologia	6	4	48
Murta	sociomuseologia	sociomuseologia	41	32	75

Tabela 1: Identificação e frequência dos termos nas teses.

A tabela mostra que Sociomuseologia é o termo mais utilizado pelos autores, especialmente Malchow e Murta, que o mencionam extensivamente no título, palavras-chave e corpo de suas teses. Gondim, por outro lado, foca em Museologia Social, com 72 menções no corpo da tese, embora o termo não apareça em seu título ou palavras-chave. A Nova Museologia, entretanto, é pouco explorada, com algumas menções por autores como Maia e Santos, D.

Ainda de forma simplista, podemos inferir que a Tabela 1 reflete o alinhamento teórico dos autores, em relação a estes três conceitos, e suas teses seguem essa vertente, o que pode ser explorado na análise do Gráfico 1.

⁴ N/E : não encontrado.

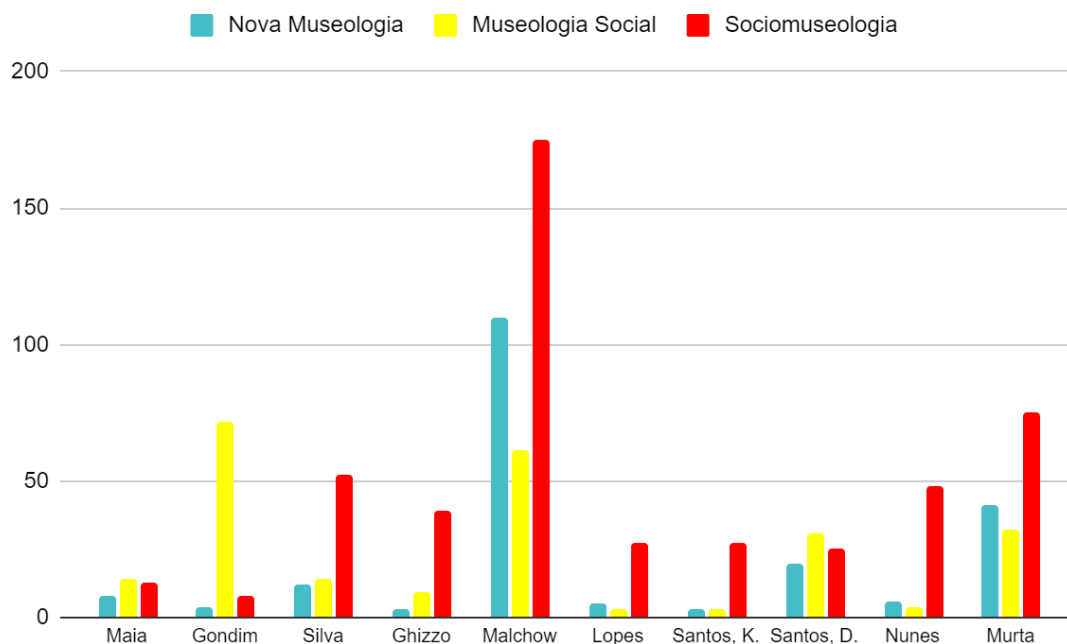


Gráfico 1: Uso dos termos por autoria.

O gráfico 1 ilustra a frequência com que os termos são abordados pelos autores. Ele ratifica que a Sociomuseologia é o campo mais citado, especialmente dominante nas obras de Malchow e Murta, com Malchow destacando-se por sua significativa contribuição teórica, mencionando quase 200 termos. Isso sugere que Malchow exerce um papel central na consolidação e expansão dessa vertente. Em contraste, a Museologia Social é menos citada, mas é o foco principal de Gondim, que lidera as menções nessa área, reforçando seu alinhamento com a tradição teórica da Museologia Social.

A Nova Museologia aparece de forma menos frequente, mas ainda significativa, especialmente nas contribuições de Malchow e Murta, sugerindo uma intersecção entre essa vertente e a Sociomuseologia. Aliás, o gráfico demonstra que alguns autores possuem uma abordagem mais diversificada ou especializada, enquanto autores como Maia, Lopes e Santos K. têm uma menor frequência de menções, indicando uma contribuição mais pontual para os debates em Museologia. No entanto, mesmo com menor número de menções, esses autores podem estar contribuindo com perspectivas pontuais ou específicas que complementam os debates gerais nessas áreas.

Uma análise quantitativa dos termos em todas as teses revelou 212 ocorrências de "Nova Museologia", 243 de "Museologia Social" e 489 de "Sociomuseologia", conforme o Gráfico 2, que representa a distribuição percentual dos termos investigados.

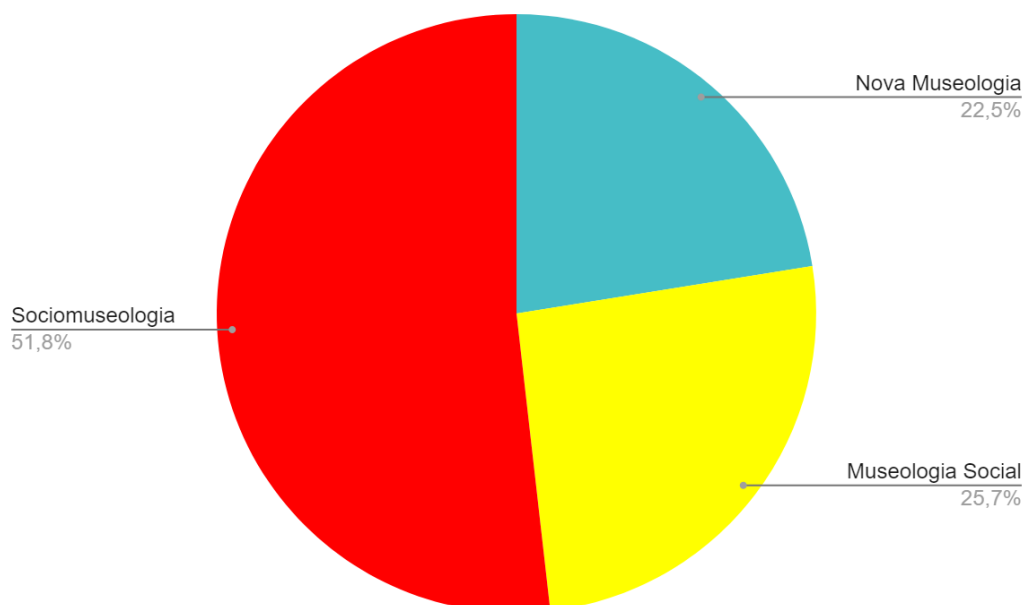


Gráfico 2: Ocorrência dos termos nas teses, em valor percentual.

As percentagens indicadas fornecem uma visão geral da importância relativa de cada uma das áreas dentro da produção acadêmica estudada, nos oferecendo uma síntese clara da prevalência da Sociomuseologia, com 51,8% de todas as menções de termos, seguida pela Museologia Social com 25,7%, e a Nova Museologia com 22,5%. Esse resultado reforça a interpretação feita no gráfico anterior.

A análise combinada dos gráficos 1 e 2 sugere que, embora a Sociomuseologia seja a área mais destacada, a Museologia Social e a Nova Museologia permanecem como componentes importantes do discurso museológico. A distribuição entre os três campos indica uma certa complementaridade das abordagens teóricas, onde os autores que focam mais em uma área não ignoram totalmente as outras.

Os dados apresentados fornecem uma visão da predominância da Sociomuseologia e sugerem que esse campo está no centro dos debates teóricos e práticos da museologia, com autores que impulsionam sua disseminação. No entanto, a Museologia Social e a Nova Museologia continuam a desempenhar papéis importantes, enriquecendo o campo com suas abordagens distintas, ainda que de menor magnitude. Essas dinâmicas devem ser consideradas ao traçar o panorama atual da museologia e seus caminhos.

Das ocorrências dos termos nas teses, pude extrair 199, categorizadas em seguida por utilizarem o termo para definição e conceituação, por citação ou contribuição autoral. Dessas 199, são 106 citações, nas quais 54 obras foram citadas, envolvendo 40 autores. Esta compilação, demonstrada na Tabela 2, por ordem decrescente quanto à frequência de citação, é capaz de ilustrar as obras que mais influenciaram os pesquisadores.

Referência	Quantidade de citações
Moutinho, M. (2007)	12
Primo, J. & Moutinho, M. (2020)	10
Britto, C. C. (2019)	7

Chagas, M. S. & Gouveia, I. (2014)	5
Primo, J. & Moutinho, M. (2021)	5
Moutinho, M. (1996)	4
Pereira, M. R. N. (2018)	4
Chagas, M. S., Assunção, P., & Glas, T. (2014)	3
Chagas, M., Primo, J., Santos, P. A. dos, & Storino, C. (2018)	3
Varine, H. de (2021)	3
Miranda, R. M. (2021)	2
Moutinho, M. (1993)	2
Moutinho, M. (2014). Entre os museus de Foucault (...)	2
Primo, J. (2014)	2
Primo, J. (2019)	2
Soto, M. C. (2014)	2
Assunção, P. (2013)	1
Brayner, V. M. A. (2020)	1
Bruno, M. C. (coord.). (2010)	1
Chagas, M. (1999)	1
Chagas, M. (2011)	1
Chagas, M. (2017)	1
Delarge, A. (Org.). (2018)	1
Duarte, A. (2013)	1
Duarte Cândido, M. M. (2003)	1
Escobar, G. S. V., & Varine, H. de (2012)	1
Escobar, G. V. (2017)	1
Freire, P. (2013)	1
Freire, P., & Shor, I. (1986)	1
Guarnieri, W. R. C. (2010)	1
Kreps, C. F. (2008)	1
Leite, P. P. (2014)	1
Mairesse, F. (2012)	1
Mayrand, P. (1985)	1
Mensch, P. (2004)	1
Mignolo, W. (2018)	1
Moutinho, M. (1995)	1
Moutinho, M. (2008)	1
Nascimento Júnior, J. (2009)	1
Neves, F. dos S. (1993)	1
Pais, T. A. (1993)	1
Pereira, M. R. N. (2020)	1
Primo, J. (1999) Museologia e (...)	1
Primo, J. (1999). Pensar (...)	1
Primo, J. (2007)	1
Primo, J. (2013)	1

Primo, J., Moutinho, M. & Leite, P. P. (2017)	1
Querol, L. S. & Sancho, E. (2015)	1
Rechena, A. (2011)	1
Santos, M. C. T. M. (1996)	1
Santos, M. C. T. M. (2008)	1
Santos, S. S. (2021)	1
Scheiner, T. C. M. (2005)	1
Stradiotto, S. M. T. (2011)	1
Varine, H. de (2013)	1
Versiani, M. H. (2020)	1

Tabela 2: Referências utilizadas para conceituar os termos, com quantidade de citações.

A Tabela 2 destaca Moutinho como o autor mais citado, sugerindo sua centralidade e influência no campo estudado. As obras analisadas, publicadas entre 1993 e 2021, mostram um esforço para abranger tanto as origens conceituais quanto reflexões contemporâneas, ressaltando a importância de contextualizar os conceitos ao longo do tempo. Essas obras reúnem 40 autores, identificados por autores ou coautorias no Gráfico 3. Entretanto, o gráfico traz os autores citados ao menos duas vezes.

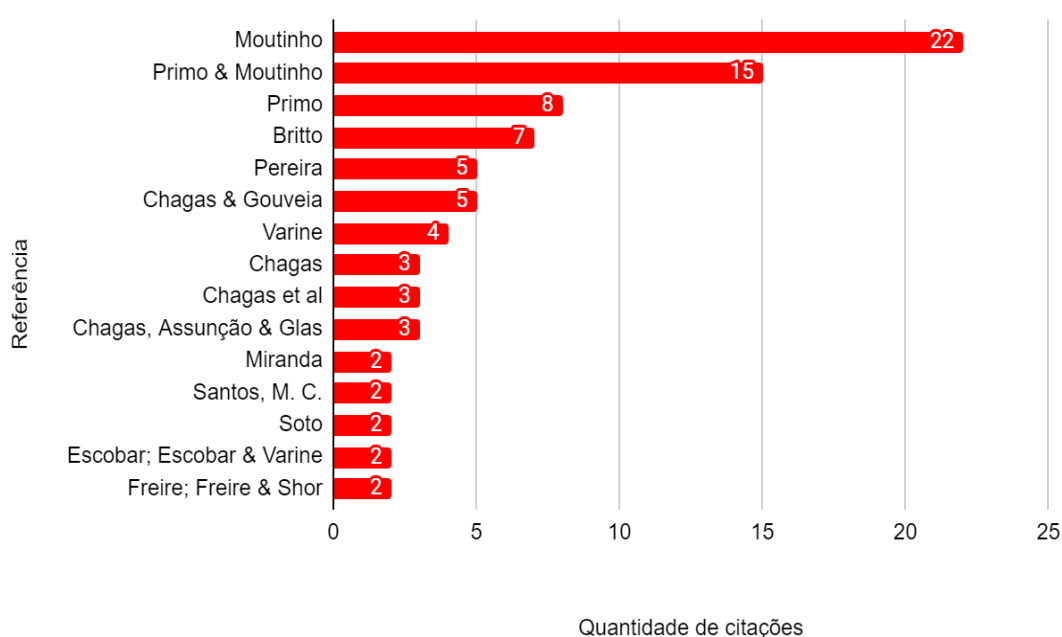


Gráfico 3: Autores mais citados para conceituar os termos sob análise.

Ao analisar em conjunto os dados da Tabela 2 e do Gráfico 3, ratificamos a relevância e a influência de autores renomados na área, como Moutinho, docente e atual Diretor do Departamento, e Primo, docente e titular da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, que liderou o Departamento até 2019. No entanto, reconhecemos, dentre

os demais autores, 9 doutores em Museologia pela Universidade Lusófona⁵, além de 1 doutoranda e coordenadora de um grupo de estudos associado à Cátedra UNESCO e ao Departamento⁶. Desses 9 doutores, 3 atualmente colaboram como docentes convidados, além de lecionarem em outra universidade⁷.

É possível perceber que embora alguns pesquisadores considerem as produções de autores recentes nesse campo teórico, o percentual é baixo. A maioria foi citada por menos de 4 autores, enquanto os demais focaram nas referências consagradas. Na contramão desses dados, acredito ser fundamental, durante a construção de uma tese em Museologia, questionar como esses conceitos são percebidos, defendidos e disseminados pelos discentes e docentes da instituição: o que têm escrito, contribuído, agregado, e, até, revolucionado os pesquisadores doutorados neste espaço? Essas teses e doutores recentes têm contribuído para a atualização deste campo teórico?

Neste estudo pude identificar contribuições originais desses autores, o que claramente enriquece e amplia a relevância da pesquisa que apresento. Das 199 ocorrências que discutem o termo, 89 contribuições são originais, confirmando que os autores recentemente doutorados na Lusófona enriquecem o debate acadêmico e profissional em Museologia, oferecendo novas perspectivas teóricas e práticas para a área.

Contribuições originais

Essas contribuições, sem referenciar ou citar outros autores, estão representadas no Gráfico 4 e evidenciam o valor agregado pelas teses, ao atualizarem conceitos a partir de diferentes abordagens, o que reforça a relevância das contribuições ao campo.

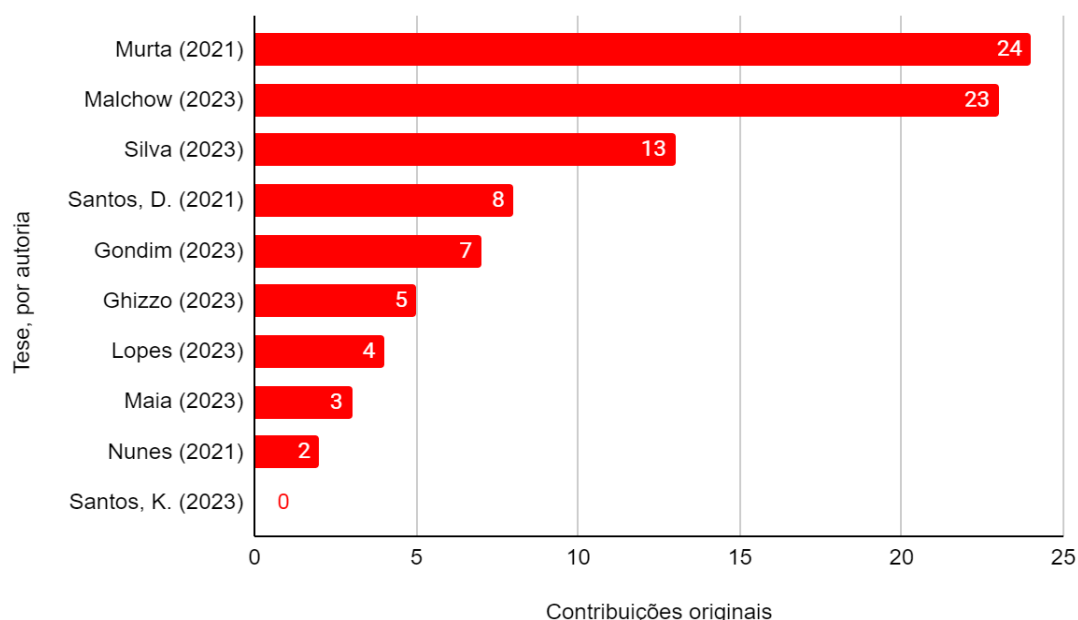


Gráfico 4: Contribuições originais, por tese

⁵ Aida Rechená; Clóvis Brito; Duarte Cândido; Lorena Querol; Marcele Pereira; Moana Soto; Pedro Leite; Rose Miranda e Vânia Brayner.

⁶ Geanine Escobar.

⁷ Clóvis Brito; Duarte Cândido e Vânia Brayner.

O gráfico 4 demonstra a vitalidade das pesquisas recentes, que têm agregado inovação teórica ao campo da museologia, especialmente no contexto da Sociomuseologia. Esse fato torna-se ainda mais relevante ao demonstrar que, embora haja uma forte presença e influência de nomes como Moutinho e Primo, há uma abertura significativa para a construção de novos saberes, permitindo a continuidade e o aprofundamento das reflexões sobre o papel dos museus na contemporaneidade.

A análise dos dados apresentados, mostra que Murta e Malchow desempenham um papel relevante na ampliação teórica e na inovação conceitual da Sociomuseologia. Malchow destaca-se pela amplitude teórica e pelo número significativo de menções aos termos, refletindo uma difusão intelectual e um aprofundamento metodológico considerável. Por outro lado, Murta apresenta mais propostas inéditas e uma abordagem crítica, evidenciando sua originalidade no debate.

Por meio de uma análise cruzada da Tabela 1 e o Gráfico 4, observei que os autores que mais apresentaram os termos em suas teses, ou pelo menos um equilíbrio de menções entre os três conceitos, foram aqueles que também apresentaram mais contribuições originais, o que nos permite inferir que um maior levantamento bibliográfico levou à melhor assimilação conceitual e, conseqüentemente, retornaram em uma produção própria mais robusta.

Análise bibliográfica

A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações e permite a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção ou melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994). A investigação sistemática das teses selecionadas revela, não apenas a evolução conceitual dessas correntes, mas também as contribuições mais recentes para o debate acadêmico e a construção de novas perspectivas no campo.

Busquei examinar essas obras, identificando o papel que desempenham na consolidação das teorias museológicas e na ampliação dos debates sobre o papel dos museus na atualidade. Por meio da análise bibliográfica, é possível, além de identificar os autores mais recorrentes nas teses, compreender como suas ideias foram assimiladas e reinterpretadas pelos pesquisadores. Explorarei a seguir como as diferentes abordagens dialogam, evidenciando as intersecções e divergências teóricas entre os autores.

Cada tese é analisada individualmente, destacando tanto o diálogo com as obras consagradas quanto as contribuições originais dos autores, evidenciando as inovações e as tendências teóricas que embasaram estes doutoramentos em Museologia na Lusófona. Os trabalhos de Malchow e Murta, no entanto, serão analisados com mais atenção, pois, como mostram a Tabela 1 e os Gráficos 1 e 4, esses autores se destacaram tanto no levantamento bibliográfico quanto nas contribuições originais sobre os conceitos analisados, especialmente no campo da Sociomuseologia.

Maia (2023)

Janaína Maia explora os espaços de memória em terreiros de Candomblé nos estados da Bahia e Sergipe, investigando sua formação, caráter comunitário e particularidades. A autora recorre a Moana Soto (2014) para contextualizar o surgimento da Nova Museologia a partir dos

movimentos sociais e culturais dos anos 60, enfatizando a responsabilidade social dos museus e a democratização da cultura.

Em relação à Museologia Social e à Sociomuseologia, Maia as agrupa como uma área multidisciplinar que articula a museologia com as ciências humanas, o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, citando Moutinho (2007). Chagas et al. (2018) são citados para explicar que a Sociomuseologia resulta de contextos históricos específicos, responde a demandas sociais e assume compromissos políticos e poéticos. Para a autora, a Sociomuseologia visa transformar espaços de memória em locais de posicionamento crítico e reflexivo, combatendo preconceitos e promovendo a justiça social.

Gondim (2023)

Vânia Gondim explora o processo museológico e as estratégias que deram origem ao Manancial Missioneiro em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa destaca o papel das ruínas, o paradigma jesuítico e as ações de patrimonialização e musealização que levaram à criação do Museu das Missões, além de abordagens decoloniais que enfatizam a cosmovisão indígena.

Gondim compreende a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia como abordagens que rompem com paradigmas tradicionais e promovem uma museologia mais inclusiva e decolonial. A autora, que discorre mais sobre Museologia Social, recorre a Clóvis Britto (2019) para defini-la como uma fase pós-paradigmática da Nova Museologia, caracterizada por resistências às museologias normativas e pela valorização da função social, do direito à diferença e do protagonismo das comunidades. Gondim argumenta que, apesar da tendência de homogeneização cultural promovida pela globalização, a Museologia Social busca revisitar o passado para requalificar acervos e processos museológicos, tendo como princípio fundamental promover visibilidade e reconhecimento das pessoas que foram silenciadas e subalternizadas pelas iniciativas museológicas tradicionais.

Mário Moutinho (2014) é citado para esclarecer que a Sociomuseologia demanda abordagens multidisciplinares e busca compreender a nova realidade museológica, propondo a categoria de "Museus Complexos". Gondim também menciona Mário Chagas e Inês Gouveia (2014), destacando os compromissos éticos da Museologia Social com a justiça social e a diferença entre uma museologia conservadora e uma museologia libertária. A autora argumenta que a Nova Museologia e a Museologia Social criam fissuras no pensamento museológico tradicional e promovem desobediências epistêmicas decoloniais, contribuindo para a valorização das identidades indígenas e a transformação social.

Silva (2023)

Letícia Silva investiga a evolução dos museus e sua relação com o público, destacando a importância crescente da gestão museológica centrada nos visitantes. Silva baseia sua análise na Declaração da Mesa-Redonda de Santiago de 1972, que foi fundamental para a inclusão do fragmento "a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento" na definição de museu do ICOM, conforme Santos et al. (2012). Ela recorre a Mensch (2004) para discutir a "museologia comunitária", que enfatiza o desenvolvimento comunitário e a reorientação das responsabilidades dos museus para as necessidades sociais.

A tese também destaca a Declaração de Quebec de 1984, que consolidou um novo pensamento museológico e levou à criação do Movimento Internacional pela Nova Museologia

(MINOM) em 1985. Para a autora, a Sociomuseologia se baseia em princípios de justiça social, participação cidadã e emancipação. Ela se inspira em Nascimento Júnior (2009), que descreve a Sociomuseologia como uma "ferramenta, tecnologia social e instrumento a serviço da emancipação social". Chagas, Assunção e Glas (2014) são referenciados para enfatizar a importância de desnaturalizar o caráter elitista das ações museológicas e assumir um compromisso político com o desenvolvimento inclusivo.

A autora também destaca a perspectiva educativa emancipadora, influenciada por Paulo Freire, e a necessidade de envolver diretamente as comunidades nos processos museológicos, conforme Assunção (2013) e Kreps (2008). Silva conclui que a Sociomuseologia propõe uma abordagem interdisciplinar que visa o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, fundamentada na participação ativa e no reconhecimento de saberes tradicionais e indígenas (Primo & Moutinho, 2020; Miranda, 2021). Ela argumenta que os museus comprometidos com esses princípios podem atuar como agentes de transformação social, empoderando comunidades e promovendo uma gestão patrimonial inclusiva e colaborativa.

Ghizzo (2023)

Idemar Ghizzo explora a Comunicação Museológica via Infografia no Museu Municipal de Pedras Grandes, Santa Catarina, Brasil. O estudo implementou infográficos para testar sua eficácia na comunicação museológica por meio de diagnóstico, ações práticas e avaliação, recorrendo à Sociomuseologia.

O autor apoia-se em Pais (1993) para enfatizar que a Nova Museologia não segue modelos rígidos, mas busca soluções adaptadas às realidades locais junto às comunidades, promovendo um desenvolvimento harmonioso. Ao discutir a Museologia Social, Ghizzo cita Leite (2014) para ilustrar como essa área atua como um campo de experimentação e inovação social, lidando com as dinâmicas entre tradição e modernidade. Ele também menciona autores como Judite Primo (2014), Hugues de Varine (2000), Mário Moutinho (1989), Mario de Souza Chagas (2011) e Cristina Bruno (1996), que abordam a Museologia Social sob diferentes perspectivas, todas focadas na aproximação entre museus e comunidades locais.

Segundo ele, a Museologia Social promove processos museológicos que estimulam a participação crítica e autônoma do público, conforme destacado por Primo (1999) e Chagas & Gouveia (2014), que associam a Museologia Social a compromissos éticos e a uma perspectiva libertária. A Sociomuseologia, descrita por Moutinho (2007), é apresentada como uma disciplina que articula diversos saberes para servir à sociedade, conforme sugerido por Stradiotto (2011) e Scheiner (2005). Ghizzo conclui que a Sociomuseologia e a Museologia Social buscam retirar grupos menos favorecidos da invisibilidade social, dando-lhes voz e representatividade nas narrativas museológicas.

Lopes (2023)

Rodrigo Lopes analisa como os museus históricos da Região de Ribeirão Preto, em São Paulo, Brasil, representam as diversas populações migrantes em seus acervos e comunicações museológicas. Compreende a Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia como interseções e evoluções dentro do campo da museologia, cada uma contribuindo para uma prática mais inclusiva e participativa. Ele se alinha ao pensamento de Primo (2013) ao afirmar

que a Nova Museologia convoca a participação ativa dos sujeitos sociais, resistindo aos determinismos históricos que excluem habilidades e conhecimentos diversos.

Lopes cita Cristina Bruno para mostrar a transição da museologia tradicional, que focava no trinômio museu, acervo e público, para a Nova Museologia que enfoca museu, patrimônio e comunidade, e finalmente para a Sociomuseologia, que considera o processo museológico, cultura e território. Essa última, conforme descrito por Primo e Moutinho (2020), destaca a importância da relação orgânica entre museus e seu contexto social, ampliando os limites da museologia tradicional para incluir o desenvolvimento humano.

Citando Varine (2021) reforça que a Sociomuseologia atende às expectativas contemporâneas de dar sentido e utilidade social aos museus. Utiliza-se ainda de Moutinho (2014) para enfatizar a interdisciplinaridade da Sociomuseologia, conectando-a a áreas consolidadas do conhecimento. Inspirado por Paulo Freire, Lopes propõe que a Sociomuseologia, assim como a educação, deve ser libertadora, transformando os museus em espaços de diálogo sobre poder e memória, comprometidos com a inclusão e a justiça social.

Santos, K. (2023)

Karlla Kamylla Santos teve como objetivo compreender as relações entre Educação Museal e feminismos interseccionais e decoloniais no Brasil. Segundo a autora, silenciamentos e estranhamentos têm marcado essa relação, mas apontam os diálogos tanto possíveis quanto urgentes no campo da Sociomuseologia.

A autora não faz citações nem discute sobre a Nova Museologia e a Museologia Social, mas entende a Sociomuseologia sob a perspectiva de Judite Primo e Mário Moutinho. Sua análise enfatiza a importância de considerar a Sociomuseologia como um campo que promove a reflexão sobre as questões sociais atuais dentro do contexto museal (Primo, 2019) e que faz parte do “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (Moutinho, 2007). E conclui, conforme registrado por Judite Primo (2019), que a Sociomuseologia deve abordar as problemáticas sociais contemporâneas, integrando-as na Educação Museal e na função social dos museus.

Santos, D. (2021)

Deborah Santos investiga a descolonização dos museus e a decolonialidade da Museologia, focando nas experiências de mulheres negras em museus comunitários afro-brasileiros. Seu trabalho propõe que os museus se tornem ferramentas de enfrentamento ao racismo, promovendo igualdade racial e o empoderamento social.

A Nova Museologia é abordada pela autora com base nos trabalhos de Chagas (1994), Menezes (1993), Moutinho (2007), Santos (2002) e Varine (1995), que discutem como novos paradigmas e abordagens museológicas surgiram para questionar o elitismo dos museus e visibilizar as experiências de grupos marginalizados. Ela destaca que a Nova Museologia visa construir um museu que abarca dimensões populares e comunitárias, rompendo com os cânones eurocêntricos e descolonizando as estruturas museológicas (Mignolo, 2018).

Em relação à Museologia Social, Santos cita Clóvis Britto (2019) para explicar que este paradigma se diferencia ao colocar o museu a serviço da diferença, com perspectivas pós-estruturalistas e decoloniais. Pereira (2018) contribui ao discutir como a Nova Museologia estabelece as bases para uma prática de Museologia Social que busca subverter a lógica da

colonialidade do poder, saber e ser, promovendo a inclusão e a participação comunitária. Guarnieri (2010) e Escobar (2012) reforçam essa visão ao discutir o empoderamento social e o uso do patrimônio para o desenvolvimento coletivo.

A Sociomuseologia é apresentada por ela como uma Escola de Pensamento que adapta as estruturas museológicas às condições da sociedade contemporânea. Para isso recorre a Moutinho (2007) para defini-la como uma transformação das práticas museológicas para incluir as comunidades marginalizadas. Essa definição é ampliada por Rechená (2011), que destaca que a Sociomuseologia trabalha com os problemas das comunidades, focando no desenvolvimento sustentável e no empoderamento social. Santos conclui que esses paradigmas museológicos se alinham ao movimento de descolonização, promovendo a igualdade racial e de gênero e utilizando os museus como ferramentas de enfrentamento ao racismo e de promoção da justiça social.

Nunes (2021)

Rosiane Nunes foca na construção de um museu socialmente responsável através da escuta ativa e da participação dos funcionários do Museu Regional de São João Del Rei, Brasil, realizada entre 2015 e 2018. A autora entende a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia como áreas interligadas que evoluem para incluir e interagir mais profundamente com a sociedade. Ela utiliza as contribuições de autores como Moutinho, Santos, Chagas, Primo e Rússio para destacar a importância da interdisciplinaridade e da inclusão social na museologia contemporânea.

Para a autora, a Nova Museologia não se limita a uma tipologia específica de museu, mas foca na interação entre sujeitos sociais e instituições, como discutido por Moutinho (2007). Nunes reforça que desde a fundação da UNESCO (1945) e do ICOM (1946), houve um diálogo contínuo entre esses organismos e o pensamento museológico, culminando na declaração de Santiago em 1972 e a reunião de Quebec em 1984.

Esses movimentos impulsionaram a Museologia Social, que ganhou força com a fundação do MINON em 1985 e passou por reestruturações em Caracas em 1992. Para enfatizar que a Museologia Social promove a construção de uma museologia aberta às múltiplas realidades e ao desenvolvimento social, através da interação com as comunidades e do compromisso com a cidadania, recorre a Santos (2008).

No tocante à Sociomuseologia, a autora ratifica Chagas (2010) e Moutinho (2015) ao afirmar que esta envolve os indivíduos como parte ativa do processo museológico, motivando a busca por conhecimento em conjunto com as ações do museu. Primo e Moutinho (2020) enfatizam que a Sociomuseologia transcende as paredes do museu, estando atenta ao meio social e promovendo a inclusão social e econômica. Rússio (1979, in Bruno, 2010) afirma que a Museologia é uma ciência em construção, evoluindo da mera observação para uma reflexão mais profunda sobre a relação entre museu, homem e sociedade.

Malchow (2023)

Érica Malchow explora o museu sob a ótica da Sociomuseologia, enfatizando práticas teóricas e aplicadas que envolvem uma abordagem museológica engajada e contemporânea. Sua pesquisa percorre práticas brasileiras de Museologia Social e inclui um estudo de campo no Museu Histórico de Frankfurt, a partir do qual propõe o uso do cinema como ferramenta criativa

nos processos de musealização participativos, denominado 'imaginação cinemuseológica'. A autora afirma que a Sociomuseologia traduziu-se em uma prática pautada no questionamento epistemológico do museu e de suas atividades.

Érica examina o movimento da Nova Museologia por meio de várias perspectivas e autores. Ela distingue a Sociomuseologia da Nova Museologia, destacando que a primeira integra conhecimentos acumulados com uma consciência social mais ampla e participação ativa (Moutinho, 1996). Para Malchow, a Nova Museologia surge para desafiar práticas tradicionais e normativas dos museus, adaptando-se ao contexto histórico e assumindo compromissos políticos e poéticos (Chagas et al., 2018). O movimento, que se espalhou globalmente influenciado por intercâmbios e movimentos espontâneos, enfatiza a participação comunitária e a reinvenção dos museus tradicionais.

Segundo a Declaração de Quebec (MINOM, 1984), a Nova Museologia promove uma abordagem ativa, educativa e emancipatória dos museus. Malchow também critica o caráter colonialista dos museus e defende a adaptação às realidades locais e demandas sociais. Ela menciona Maria Célia Santos (1996), Desvallées (1992) e Cristina Bruno (in Duarte Cândido, 2003), que veem a Nova Museologia como uma expansão dos princípios de democratização museal desde a Revolução Francesa.

Ao analisar a Museologia Social, Malchow busca construir sua visão no contexto latino-americano e brasileiro. Ela observa uma distinção entre Sociomuseologia e Museologia Social: enquanto a Sociomuseologia pode ser mais teórica, a Museologia Social é vista como uma prática museológica focada em abordagens comunitárias (Primo & Moutinho, 2020). Malchow endossa a ideia de que a Museologia Social reinventa o conceito tradicional de museu, adaptando-o a contextos variados como favelas, terreiros afro-religiosos e espaços virtuais, expandindo o conceito de museu para refletir realidades locais e necessidades comunitárias (Brayner, 2020). Ela destaca a importância de uma sinergia entre teoria e prática, evidenciada pela integração acadêmica e prática na evolução da Museologia Social.

Ao abordar a Sociomuseologia, Malchow a enxerga como uma área em constante evolução, centrada na articulação entre museologia e as ciências humanas, considerando o museu um espaço de transformação social. Ela utiliza referências como Mário Moutinho e Judite Primo para ratificar que a Sociomuseologia não se limita à preservação de objetos, mas incorpora uma dimensão mais ampla, envolvendo o engajamento das comunidades, a interdisciplinaridade e métodos contemporâneos de comunicação. Para Malchow, a Sociomuseologia objetiva promover o desenvolvimento social e cultural das comunidades, rompendo com práticas museológicas tradicionais e elitistas. Segundo a autora, a participação comunitária e a valorização do conhecimento local são elementos centrais para a construção de uma museologia voltada para a inclusão e o desenvolvimento sustentável.

Além disso, Malchow reforça que a Sociomuseologia também deve ser uma resposta às desigualdades e à colonialidade, utilizando o museu como um instrumento para a conscientização crítica e a transformação social. Referenciando autores como Chagas (2020) e Primo & Moutinho (2021), ela aponta que a Sociomuseologia busca combater a hierarquia e dominação colonial ao reconhecer os saberes de grupos historicamente marginalizados, promovendo uma "desobediência epistêmica" e uma "pedagogia libertadora". Para Malchow, a Sociomuseologia deve atuar como uma ferramenta para reconstruir narrativas históricas e culturais, utilizando-se do poder da memória para promover mudanças sociais significativas, tornando o museu uma plataforma de educação e ação política.

No entanto, ainda, é preciso destacar que Érica Malchow apresenta contribuições inovadoras para a Sociomuseologia ao propor uma visão transformadora do papel dos museus na sociedade contemporânea. Uma de suas principais contribuições é a centralidade da participação como modelo metodológico, compreendida não apenas como uma prática complementar, mas como um processo fundamental de resistência e conscientização. Para Malchow, a participação no museu é uma ferramenta ativa de transformação social, vinculada diretamente à luta contra as opressões. Essa abordagem coloca o museu em um papel protagonista na promoção da inclusão e do empoderamento, tornando-o um espaço de ação.

Outra contribuição significativa de Malchow é sua visão de que a Sociomuseologia deve traduzir experiências práticas que se distanciam das concepções tradicionais de museu. Para ela, a prática museológica deve ser um processo dinâmico, não apenas capaz de adaptar-se às demandas sociais contemporâneas, mas confrontar as diversas formas de opressão. Ao propor que a Sociomuseologia seja uma ferramenta ativa na luta por justiça social, Malchow defende que o museu deve ser um espaço de empoderamento em várias dimensões – cognitiva, organizacional, política, financeira e psicológica. Esse enfoque transforma o museu em um local de “alfabetização crítica”, onde os indivíduos não apenas compreendem o mundo, mas se tornam agentes de mudança em suas próprias realidades.

Além disso, Malchow contribui ao propor que o museu seja um espaço de “empoderamento cognitivo e psicológico”, ajudando a desenvolver uma consciência crítica sobre as estruturas de opressão. Ela defende que o museu tem o potencial de atuar diretamente na promoção de uma visão crítica do mundo, estimulando a participação ativa de indivíduos e comunidades na construção de suas próprias narrativas. Dessa forma, o museu deixa de ser um espaço meramente contemplativo e passa a ser um agente de transformação social, comprometido com a justiça e a inclusão, promovendo a autonomia dos sujeitos e fortalecendo sua capacidade de ação.

Murta (2021)

Marcelo Murta analisa o desenvolvimento da Política Nacional de Cultura da República de Kiribati, articulada pelo Museu Nacional em parceria com organismos regionais e internacionais. A pesquisa explora disputas culturais em instituições locais e globais, examinando as normativas da UNESCO e os pactos de direitos humanos. Ao traçar a evolução da função social dos museus desde a Mesa de Santiago (1972) até a Recomendação da UNESCO de 2015, o autor investiga experiências de Sociomuseologia em Portugal e Brasil.

Murta, ao citar Varine, destaca o papel do patrimônio comunitário e da participação ativa. Inspirado por Mayrand, ele enfatiza a necessidade de transformações nos objetivos e atitudes dos museólogos, propondo uma museologia que vai além da inovação técnica e busca mudanças sociais e culturais significativas.

Para o autor, a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia são movimentos interligados e transformadores. A Nova Museologia revisou criticamente a função social dos museus, focando nos problemas específicos vividos por países da América Latina. Murta explica como esse movimento se expandiu por meio de conceitos como ecomuseus, museus de território e museus comunitários, redefinindo o papel dos museus no engajamento social e cultural.

A Museologia Social e a Sociomuseologia, para o autor, são herdeiras diretas desses movimentos. A Museologia Social destaca processos participativos e interventivos, buscando

soluções para problemas contemporâneos e promovendo o desenvolvimento social e a emancipação das comunidades. Nesse sentido, ele se alinha a autores como Mário Moutinho e Alfredo Tinoco, destacando a função interventiva dos museus e sua capacidade de enfrentar as problemáticas contemporâneas. A Sociomuseologia, por sua vez, integra teoria e prática, valorizando a diversidade cultural, os direitos culturais e a imaterialidade da cultura. Em sua tese, Murta menciona que o termo "Sociomuseologia" foi usado pela primeira vez pelo professor Fernando dos Santos Neves, em 1993 (Moutinho, 2019, p.16; p.215), sendo descrito como "uma verdadeira revolução teórica e prática", sintetizada em sua "designação terminológica e epistemologicamente inovadora" (Neves, 1993).

Essa abordagem transdisciplinar está em sintonia com convenções internacionais e políticas públicas, promovendo uma museologia decolonial e humanista capaz de formular políticas culturais inclusivas e sustentáveis. Murta argumenta que a Sociomuseologia é essencial para a promoção da democracia cultural e da cidadania, permitindo a materialização dos direitos culturais por meio de participação comunitária e ativismo. Ele vê a gênese da Sociomuseologia na identificação de problemas cotidianos.

Uma de suas principais contribuições na tese é a ideia de que "os museus podem conjugar os três tempos – passado, presente e futuro – para identificar problemas presentes e vislumbrar futuros possíveis a partir do exercício consciente da memória e dos direitos culturais." Nesse contexto, as políticas públicas para a democracia cultural podem ser desenvolvidas a partir de uma perspectiva sociomuseológica, com os museus atuando como centros de debate que alimentam esse processo. Murta também argumenta que a Sociomuseologia se apresenta como uma forma de pensar e agir, onde a participação e o ativismo articulam-se para desenhar políticas públicas que respeitem os direitos culturais.

Para mais, ele argumenta que a Sociomuseologia vai além dos aspectos puramente econômicos, promovendo projetos de escala humana focados no desenvolvimento local. Nesse sentido, Murta cita Emanuel Sancho e Lorena Querol, que conectam a Nova Museologia ao desenvolvimento endógeno e à participação comunitária, formulando o questionamento: "Afim, o que é a Sociomuseologia senão a expressão museológica total de uma cultura participativa e comprometida com o desenvolvimento local?" (Querol e Sancho 2015).

Murta, por fim, ressalta a importância da diversidade cultural, dos direitos culturais e do reconhecimento dos saberes tradicionais na criação de políticas culturais inclusivas e sustentáveis, nas quais a Sociomuseologia tem desempenhado papel fundamental, ao promover o discurso decolonial e a desconstrução de estruturas opressivas.

(Suspiro)

Antes de comparar e concluir, preciso destacar que essas teses foram desenvolvidas em meio às adversidades impostas pela Pandemia de COVID-19, o que trouxe desafios nas esferas social, econômica, física, emocional, cultural e psicológica. Nesse sentido, esses trabalhos merecem, acima de tudo, o nosso respeito pela resiliência demonstrada.

Lamento, contudo, não ter incluído mais teses publicadas antes de 2021 em minha análise. Teriam essas obras seguido caminhos significativamente distintos? Terá a pandemia se configurado como um verdadeiro divisor de águas para a Sociomuseologia?

Essas são questões que espero poder explorar e responder em trabalhos futuros.

Análise comparativa

Ao examinar como as teses discutem Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia, percebi que, apesar das intersecções, cada autor adota abordagens distintas, refletindo suas investigações e contextos específicos. Nas teses analisadas, a Nova Museologia é reconhecida como um marco que desafia os paradigmas tradicionais, abrindo caminho para a democratização cultural e a inclusão social. Maia e Santos D. destacam seu papel na ampliação das vozes de grupos historicamente marginalizados, enquanto Gondim e Murta enfatizam sua capacidade de reconfigurar a função social dos museus, promovendo o engajamento comunitário.

A Museologia Social, por sua vez, evolui da Nova Museologia, com um foco mais acentuado na intervenção social e no empoderamento das comunidades. Ghizzo e Malchow destacam seu caráter experimental e participativo, enquanto Silva e Murta sublinham seu papel crítico na justiça social e no enfrentamento das desigualdades históricas.

Malchow, Murta e Santos D. exploram como a Sociomuseologia conecta teoria e prática de forma indissociável, com um forte compromisso com o desenvolvimento sustentável, inclusão e justiça cultural. Nunes e Lopes reforçam sua abordagem decolonial, posicionando os museus como agentes de transformação social e empoderamento comunitário. Para esses autores, a Sociomuseologia é mais do que uma prática museológica – ela se apresenta como um movimento que reestrutura o museu, conectando-o diretamente com as comunidades e permitindo que estas sejam protagonistas de suas próprias narrativas.

Nesse contexto, o Departamento de Museologia da Universidade Lusófona tem desempenhado um papel crucial na humanização dos museus, formando pesquisadores e profissionais com uma consciência social e humana mais profunda. Ao promover uma educação voltada para a inclusão e para a justiça social, o departamento contribui para que os museus se tornem espaços mais acessíveis e sensíveis às realidades das comunidades marginalizadas, consolidando a Sociomuseologia como uma prática transformadora no campo museológico.

No entanto, percebo que a aplicação dessas teorias na prática enfrenta barreiras significativas, tanto institucionais quanto sociais. A resistência a novas abordagens dentro de estruturas museológicas conservadoras ainda é um desafio. Nesse contexto, destaco a importância de uma museologia verdadeiramente engajada e forte, que equilibre a preservação do patrimônio com a urgência de responder às necessidades atuais de inclusão e justiça social.

Considerações Finais

Ao concluir minha análise, sou capaz de compreender que essas correntes não apenas rompem com paradigmas tradicionais, mas também abrem caminho para práticas museológicas mais inclusivas e comprometidas com o desenvolvimento sociocultural. A Nova Museologia foi o ponto de partida ao destacar a democratização dos museus e o patrimônio cultural imaterial, seguida pela Museologia Social, que posiciona os museus como espaços de resistência e partilha.

A Sociomuseologia, por sua vez, integro nesta análise como um desdobramento humano dessas correntes. Ela se caracteriza pela recuperação de fragmentos históricos e simbólicos, pela valorização das identidades e pela amplificação de narrativas silenciadas ao longo de processos de injustiça social. Ao iluminar rostos, recolorir histórias e ecoar vozes que foram marginalizadas, reprimidas e isoladas, a Sociomuseologia destaca as falhas estruturais e as ausências em diversos âmbitos, como os sociais, econômicos, políticos, territoriais e culturais, revelando o impacto da exclusão sistêmica e prolongada sobre esses grupos.

Por esta análise, defendo que essas vertentes não se limitam a teorias acadêmicas; elas representam movimentos políticos e práticos que desafiam o elitismo e o poder no campo museológico. Ao integrar essas abordagens, acredito que muito mais que os museus (instituições), os profissionais (pessoas) que neles atuam, bem como os que participam da formulação, gestão e aplicação das políticas de patrimônio cultural, podem se tornar agentes de transformação social, promovendo uma cidadania ativa e colaborativa.

A verdadeira inovação está na adaptação dessas teorias às particularidades de cada comunidade, criando museus e formando profissionais que reflitam e dialoguem sobre o passado, mas que também atuem como catalisadores de mudança social e cultural no presente e no futuro.

Ao navegar pelos complexos mares da Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia, encontrei muito mais que teorias acadêmicas. Descobri práticas que, assim como um diário de bordo, registram não só a transformação dos museus, mas também a transformação das pessoas e das comunidades que eles servem. Cada tese analisada traz um pedaço desse quebra-cabeça em que o museu não é apenas um guardião de objetos, mas um agente ativo de mudanças culturais, sociais e políticas.

O que ficou claro ao longo desta análise é que, embora a Nova Museologia tenha lançado as bases críticas para romper com paradigmas tradicionais, a Museologia Social e a Sociomuseologia expandiram essas ideias, levando-as para um contexto mais próximo da realidade das comunidades. Essas vertentes não se tratam de visões isoladas, mas sim de um diálogo constante entre teoria e prática, em que os museus se tornam espaços de empoderamento e participação ativa, percorrendo caminhos coletivos.

No fim das contas, o museu, seja ele em São Miguel das Missões ou no Kiribati, deve ser visto como um lugar de encontro — entre passado, presente e futuro, entre pessoas e culturas. Um lugar onde as histórias são recontadas, as identidades reafirmadas e as injustiças confrontadas. Se há uma lição a ser extraída desta jornada acadêmica, é que os museus (assim como nós, pesquisadores e profissionais do campo) estão sempre em transformação, e cabe a eles — e a nós — escolherem um caminho de inclusão, respeito, participação efetiva e, acima de tudo, justiça.

Agradecimentos:

A autora agradece à Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” pela Bolsa de Doutorado na Universidade Lusófona, à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) pelo financiamento de sua investigação no âmbito do Programa Ciência do Património Cultural (Ref. PRT/BD/155026/2023) e ao IPHAN pelo apoio institucional durante o período de afastamento para estudos de pós-graduação.

Referências Bibliográficas:

- Ghizzo, Idemar (2023). Infografia : subsídio para socialização da informação em museu. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/13992>
- Gil, A. C. (1994). Métodos e técnicas de pesquisa social. Atlas.
- Gondim, V. L. (2023). Manancial missioneiro : a ancestralidade indígena e processos museológicos em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/13889>

- Lopes R. T. D. (2023). Entre paisagens: história local e comunicação museológica no Nordeste Paulista. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/13831>
- Maia, J. C. T. (2023). O axé e a memória ancestral: espaços de memória em comunidades afroreligiosas no nordeste do Brasil. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/14397>
- Malchow, É. de A. (2023). Sociomuseologia no Museu Histórico de Frankfurt : cinema, participação e empoderamento. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/14226>
- Murta, M. L. (2021). As dimensões da cultura : a construção de políticas públicas a partir da sociomuseologia na República do Kiribati. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/12680>
- Nunes, R. da S. (2021). As vozes do Museu Regional de São João del Rei [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/12309>
- Pausini, A. I. R. (2024). Museus regionais e a modernização conservadora : a campanha nacional de museus regionais no Brasil entre a arte moderna e contemporânea [Tese de doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/10219>
- Santos, D. S. (2021). Museologia e africanidades : experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/11990>
- Santos, K. K. P. dos. (2023). Educação museal e feminismos no Brasil : silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/13829>
- Silva, L. F. R. da (2023). Desenvolvimento de públicos em perspectiva Sociomuseológica. [Tese de Doutorado, Universidade Lusófona]. <http://hdl.handle.net/10437/13830>